

Entrevista com Afonso Soares, intelectual refinado
(Santo André, *10/10/1960 †24/01/2016)
Interview with Afonso Soares, a refined intellectual
(Santo André, *10/10/1960 †24/01/2016)

Fernando Altemeyer Jr. *

Talvez a única indelicadeza que podemos imputar ao Afonso foi a de morrer prematuramente e fazer doer nosso coração e vidas por perda tão imensa. Mas até mesmo isso, a sua morte, talvez esteja envolta nas brumas de Avalon e deve ser para cada um de nós, amigos, colegas e alunos, um enigma a ser decifrado em nossa mente e coração, tal qual uma aula magistral.

Apresento os dados biográficos do eminente professor e livre-docente da PUC-SP, como uma entrevista com ele mesmo. Usarei do memorial de sua qualificação acadêmica como o roteiro de perguntas para meditarmos sobre as experiências e palavras geradoras de seu caminho pessoal e intelectual interpenetrado das memórias, dos percalços e entretecido pelas dores e amores deste nosso refinado intelectual. Eis, de forma delicada e transparente, o pequeno retrato de nosso companheiro Afonso Soares. Como ele mesmo diria a cada um de nós ao final de cada entrevista: amplexos e axé!

Pergunta: Quem é você Afonso? Onde nascestes?

Resposta: Nasci em Santo André, em 10 de outubro de 1960. Não nasci naquela terra onde canta o sabiá. Foi mesmo em Santo André, o “A” do conhecido ABC paulista, um dos polos industriais dos *cinquenta anos em cinco* de Juscelino. E eram os pardais que infestavam o telhado lá de casa, naqueles primórdios da década de sessenta. Sou filho de Antonio e Ivone, irmão de Socorro, Paulo e Fernando. Há quarenta anos, o mundo vivia sua ebulição modernizante e voavam estilhaços para todos os lados. Fidel em Cuba, Kennedy nos EUA, João XXIII no Vaticano. Elvis a toda, Beatles começando, Bossa Nova tipo exportação. Não demorou muito e o Brasil aderiu ao movimento. Pela porta errada. Golpe militar de 64, AI-5 em 68 e um longo e penoso processo de redemocratização.

* Fernando Altemeyer Jr. é mestre em teologia, doutor em Ciências Sociais e professor assistente-doutor no Departamento de Ciências da Religião, da PUC-SP.

Pergunta: Algo te marcou na tua infância?

Resposta: Minhas memórias políticas dessa época são confusas. Sei que, para meu pai, sobrou o desemprego, de 64 a 68, como consequência imediata da mudança na lei de estabilidade com a criação do FGTS. Outra lembrança é a de um tio envolvido em sindicatos, que corria de lá pra cá, fugindo de esquadrões paramilitares, e, de vez em quando, aparecia lá em casa. Também me lembro de uma greve em 68, da qual só me dei conta porque os professores pararam e fiquei alguns dias sem aula no antigo primário. Nesse período, falava-se pouco de política lá em casa. Ou era eu que pouco entendia do que se falava. Minha mãe, entretanto, nunca deixou de xingar o governo de plantão. Meu pai era mais discreto, embora seja dele a frase mais estranha que ouvi naqueles anos, ao nos dar a notícia da morte de Castelo Branco. “O Castelo acabou de bater o traseiro na cerca”, declarou num quase-sorriso em que adivinhei certa satisfação. Só fui entender anos mais tarde o quanto ele torcia pelo sumiço dos militares da cúpula do país. Votou em branco em 70, na oposição em 74, e foi conosco fazer boca-de-urna para o PT em 82.

Pergunta: E a religião?

Resposta: Ao lado das memórias que ousou chamar de políticas estão aquelas religiosas. Estas, desde cedo, foram muito presentes. De família mineira da Lagoa Dourada, tenho por mãe uma descendente do ramo empobrecido dos Chaves, fazendeiros portugueses que por lá fizeram fortuna desde o século XVIII. Meu pai era dos Soares, cuja árvore genealógica só recua até meu bisavô, que era escravo africano. Dali para trás, nenhuma outra informação. A única curiosidade que consegui apurar foi que antepassados de meu pai parecem ter sido escravos de ancestrais de minha mãe. Entretanto, meus genitores só se conheceram em Santo André, oriundos de distintas levas migratórias. Por ironia do destino, ao chegarem à cidade grande, meus avós maternos acabaram se alojando com os filhos, dois rapazes e duas moças, em um cômodo nos fundos da casa de uma de minhas tias paternas. O restante da história selou o encontro de sinal trocado da senzala com a casa-grande. Também uniu, por assim dizer, dois catolicismos: um popular, preservado por minha mãe, e outro mais romanizado, praticado por meu pai e seus irmãos - todos eles vicentinos, congregados marianos e catequistas. Do primeiro catolicismo herdei rezas e promessas, escapulários e medo de assombração. Do segundo, espírito crítico contra benzeções e simpatias, fascínio pela história sagrada e frequência aos sacramentos. De ambos restaram muito moralismo e muita caridade com os pobres. Desse clima veio o gosto pelas coisas da religião. Missa semanal, reunião dos vicentinos e visita a seus socorridos fizeram parte de minha rotina infantil. Mas havia também a vantagem extra de fugir um pouco da super-proteção materna, cujo cordão umbilical só consegui cortar aos onze anos com a entrada em um seminário menor dos padres carlistas.

Pergunta: Algum ano foi mais marcante na juventude?

Resposta: 1979 representou um novo estágio iniciático. Um ano inteiro de parada, no Noviciado Carlista, em Osasco-SP. Além do discernimento espiritual, foi também um período de maior conhecimento da história e do carisma da Congregação dos Missionários de São Carlos, dedicada ao apostolado em meio aos migrantes. Três mestres-de-noviços alternaram o comando naquele ano. Brincávamos, então, que, assim como 1978 fora o ano dos três papas, 1979 era o ano dos três mestres. No final, decidi-me por abraçar o carisma do serviço aos migrantes, julgando que as certezas pesavam mais que as dúvidas, inseguranças e paixonites.

Pergunta: O que encontrou nos estudos acadêmicos de filosofia em Curitiba?

Resposta: Guardo do período da filosofia a forte lembrança de meu batismo político. Embora me achasse um jovem relativamente consciente na época, filho de migrante metalúrgico, descobri logo que o maniqueísmo abundava de todos os lados, à direita e à esquerda, na igreja e fora dela. Para ser bem aceito pelos colegas e pelos superiores da casa era preciso trabalhar nas CEBs da área do Bairro Xaxim, ser petista roxo e colocar o estudo em segundo plano. Comecei, assim, meu aprendizado dos maniqueísmos de esquerda, tão deletérios quanto os que eu já conhecia. Certas discussões pastorais naqueles idos davam-me a nítida impressão de que nós agentes de pastoral devíamos “obrigar o povo a se libertar”. A época da filosofia foi também a fase da descoberta e assunção de minhas raízes afro-brasileiras. Durante as férias, tomei coragem de tocar no assunto com meu pai e consegui, aos poucos, retrazar uma história subterrânea que me uniu em espírito a toda essa camada de nossa população. O fato de pertencer a uma congregação religiosa de origem italiana e de conviver entre colegas, em sua maioria, *oriundi* e com alguns preconceitos contra os que eles chamavam eufemisticamente de “brasileiros”, apressou o processo de conscientização. O primeiro fruto intelectual dessa opção de vida foi a dissertação conclusiva da Filosofia, que foi orientada não por alguém do quadro de Filosofia, mas por uma professora do Departamento de Letras, a Prof.^a Dra. Elisa Campos de Quadros: *O negro em Jorge Amado: apologia do branco?* (1982).

Pergunta: E o que descobristes na Teologia?

Resposta: O período do teologado foi riquíssimo. Sem contar o amadurecimento espiritual e pastoral, algumas leituras e contatos foram decisivos no aprofundamento humano-intelectual. Gostaria de destacar as aulas e indicações bibliográficas do querido Pe. Hermilo Eduardo Pretto, que me iniciou na leitura de autores como Rubem Alves, Juan Luis Segundo e Clodovis Boff, além de ampliar meus horizontes antropológico-existenciais através do contato com grandes mestres da literatura universal. Além dele, outra figura reconhecida por minha geração foi

a do Prof. Enio José da Costa Brito, incansável educador e incentivador de incipientes pesquisadores. Do Pe. Hermilo, hoje infelizmente já falecido, tive a sorte de privar de sua amizade e do apoio providencial nas escolhas decisivas que tive de fazer em momentos cruciais da vida. Do Prof. Enio, tenho a honra de ser hoje um colega de trabalho no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

Pergunta: E a negritude em tua vida e pensamento?

Resposta: Aponto como nome-símbolo de toda a minha caminhada, é Pe. Antonio Aparecido da Silva (Pe. Toninho), uma das lideranças nacionais dos APNs (Agentes de Pastoral Negros). Os seminários que ofereceu no ITESP, além dos cursos de extensão em temas afro que promoveu na Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, durante o período que a dirigiu, foram experiências marcantes para mim e para toda aquela geração de seminaristas negros que começamos a nos organizar a partir de 1984, na esteira do sucesso dos primeiros encontros nacionais de APNs.

Pergunta: E os migrantes?

Respostas: Também destaco o papel do Centro de Estudos Migratórios (CEM), entidade ligada à congregação carlista, em minha formação intelectual e pastoral. Ali pude aprender muito, na teoria e na prática, sobre as causas e os desdobramentos do fenômeno migratório. Uma das pesquisas mais importantes de que participei na ocasião, e que teve reflexo até em meu recente doutoramento, foram os dois meses passados na Vila de Ivaporunduva, em Eldorado Paulista-SP. Patrocinado pelo CEM, convivi ali com famílias descendentes de quilombolas, e recolhi razoável material de suas tradições orais e lutas por sobrevivência. Dessa presença no CEM e junto aos militantes APNs resultaram algumas incipientes produções intelectuais.

Pergunta: Conte algo sobre sua fase europeia?

Resposta: Cheguei à Europa na primavera de 1988. Em outubro iniciei o Mestrado (*Licenza*) na PUG. Voltei ao Brasil no final de 1990. Aqueles foram anos de intensa atividade acadêmica. Até hoje me arrependo de não ter passeado mais por lá, como faziam outros colegas latino-americanos. O estudo e a preparação da “tesina” sempre ocuparam, de fato, o primeiro lugar em minhas preocupações europeias. Dessa quase-obsessão resultou a dissertação: *Religioni afrobrasiliiane e inculturazione della fede – presupposti per un nuovo approccio teologico-pastorale*. A orientação coube ao Prof. Dr. Gerald O’Collins, *decano* da Faculdade de Teologia.

Pergunta: Algo marcante no Velho Mundo?

Resposta: A permanência no exterior foi gratificante também pela oportunidade de conhecer outras realidades, sobretudo de um ponto de vista cultural e

religioso. Como eu estava ligado a uma família religiosa especializada na pesquisa e atuação junto a diversas realidades migratórias, pude direcionar algumas viagens internacionais nesse enfoque. Visitei, dessa forma, vários núcleos de imigrantes em que, além da prestação de serviço com palestras e pregações em festas populares típicas, pude fazer levantamentos da realidade migratória e de seu impacto sobre a cultura popular. Eis algumas das principais comunidades visitadas: Roma, 1988-1990 (caboverdianos e brasileiros); Colônia (Alemanha), dez.-1988 (italianos); Lisboa, abril-1989 (caboverdianos); Peterborough, Bedford, Cambridge e Londres, jul-set 1989 (italianos e paquistaneses); Paris, dez-1989 (portugueses); Chamberry, França (italianos) e Genebra, Suíça (portugueses), abril-1990; Nova Iorque, EUA, jul-out 1990 (italianos, hispanos e brasileiros); Toronto-Canadá, set-1990 (portugueses e brasileiros).

Pergunta: Alguma guinada em sua vida? Como a experimentou e como maturou isso em seu coração? Quem te apoiou? Como assumiu essa nova rota vital?

Resposta: Em 1996 consumiei a guinada de meu projeto de vida. Uma vez consumada minha decisão de reopção de vida, pude dilatar minhas aspirações de teólogo e escritor. Em maio do mesmo ano de 1996 ingressei na Editora Paulinas como assessor do setor de catequese. Logo em seguida, fui promovido a Editor-assistente e membro do Conselho Editorial, cargo que ocupo até a presente data. A partir de 2005, a diretoria da Editora concedeu a seus editores-assistentes maiores responsabilidades na condução do processo de produção dos livros. Antes disso, nosso trabalho resumia-se a avaliar originais e opinar sobre sua publicação ou não. Depois dessa data, nossa tarefa é, de fato, acompanhar todas as fases de produção. A experiência profissional nessa empresa tem sido muito gratificante. Primeiramente, foi aí que me tornei propriamente um cidadão devidamente empregado, com direitos assegurados e tudo o mais. Além disso, o contato constante que mantenho na editora com autores e obras afins à minha área de especialização tem se casado magnificamente com minhas atividades de ensino e pesquisa.

Pergunta: E o doutorado e a livre docência? Que estradas percorrestes?

Resposta: Decidido a encarar a etapa do doutorado, apresentei-me ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). O doutorado uniu meu engajamento cívico (a cidadania negra entre nós – bandeira cultivada com carinho ao longo desses anos de participação junto ao Centro Atabaque) com os meandros da tradição dogmática cristã, resultando na seguinte tese: “*Sincretismo e inculturação*: pressupostos para uma aproximação teológico-pastoral às religiões afro-brasileiras, buscados na epistemologia de Juan Luis Segundo”. Foi acolhido e orientado com competência pelo prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães.

Pergunta: E a pesquisa científica?

Resposta: Constituímos um núcleo de estudos de jovens doutores em torno do eixo *Religião-Modernidade*. A ideia vingou, deu origem ao grupo de pesquisa “Religião e Cidade”, e se concretizou no primeiro projeto, intitulado *O centro sagrado da metrópole profana*. Este envolveu um grupo de professores do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião preocupado em aprofundar a discussão sobre a realidade religiosa da sociedade brasileira. Os estudos foram realizados por pesquisadores dessas unidades acadêmicas, com resultados publicados, e reforçaram nossa convicção de que a pesquisa centrada numa única religião não é esclarecedora por si só. É preciso múltiplos olhares, sobre a pluralidade de religiões nas metrópoles contemporâneas (nosso foco de origem), para que se possa compreender a complexidade do real.

Pergunta: Além de coordenar o Departamento de Teologia e Ciência da Religião que outros cargos exerceu?

Resposta: Desde julho de 2007, presidi a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), juntamente com os colegas padre Benedito Ferraro, Professora Ceci Mariani, padre Luiz Carlos da Silva e professor João Décio Passos. O mandato estendeu-se até 2010 e, graças a ele, acabei sendo também eleito para a Vice-presidência da INSeCT (Rede Internacional de Sociedades Católicas de Teologia) em recente Congresso da entidade em Chicago (junho 2008).

Pergunta: Qual foi o título da sua tese de livre-docência em teologia, em 2009?

Resposta: *De volta ao mistério da iniquidade*. Algumas sugestões da teologia contemporânea em diálogo com as teodiceias míticas e filosóficas.

Pergunta: Algum sonho por concretizar?

Resposta: Outro sonho que acalento, para o qual já tenho alguns contatos em outras universidades do Brasil, mas ainda não foi possível concretizar é constituir um Grupo de Pesquisa (e, quem sabe, futura sociedade, nos moldes da conhecida “Paul Tillich”) sobre a obra do filósofo e teólogo uruguaio Juan Luis Segundo. Quem sabe agora vai...